

CORPO, IMAGEM, ORIFÍCIO: PONTUAÇÕES SOBRE O CORPO EM PSICANÁLISE

*Regina Cibele Serra dos Santos Jacinto
Ana Maria Medeiros da Costa*

Podemos afirmar que o interesse de Lacan pela questão do corpo esteve presente desde o início de seu ensino, articulado necessariamente à problemática do inconsciente, da pulsão e do objeto.

O valor do corpo como imagem, como suporte imaginário e consistência, por exemplo, comparece desde textos bem iniciais, como *A agressividade em Psicanálise* (1948/1998) e *O estádio do espelho como formador do eu* (1949/1998), nos quais se põe em relevo a dialética entre o corpo despedaçado e a prematura imagem totalizada do corpo, até textos bem tardios, em que a questão do corpo retorna a partir das articulações sobre Real, Simbólico e Imaginário.

Partimos, neste trabalho, da proposta de articular algumas contribuições sobre o tema do corpo em psicanálise a partir de indicações de Lacan presentes em *A terceira* (1975a), na *Conferência em Genebra sobre o sintoma* (1975b/1998) e em *O Seminário, livro 23* (1975-76/2005), passando ainda por alguns pontos presentes em *O Seminário, livro 22* (1974-75), textos em que Lacan nos fornece elementos para articularmos o corpo dentro da perspectiva borromeana.

Tais contribuições, tal como entendemos, não prescindem do suporte das articulações anteriores a este momento do ensino de Lacan, na medida em que mantém o eixo de uma aposta fundamental da psicanálise, qual seja, a da não redução do corpo ao seu suporte biológico.

Esta aposta fundamental é encontrada, no ensino de Lacan, desde a operação do estádio do espelho, passando ainda pelos esquemas óticos, pelas operações de alienação e separação e pela teorização em torno do objeto *a*, de modo que o recorte de nosso trabalho encontra como pano de fundo essas articulações anteriores e essenciais.

Algumas operações são necessárias para a constituição do corpo enquanto vestimenta, enquanto unidade narcísica, e tais operações podem mesmo não ocorrer, deixando o sujeito desprovido deste recurso, como algumas psicoses muitas vezes nos ensinam.

É apenas a partir da operação significativa, em que está em jogo a extração do objeto *a*, que podemos pensar na consistência do corpo ancorada na imagem especular: “Sem o pequeno *a*, falta alguma coisa a toda teoria possível de qualquer referência, de qualquer aparência de harmonia”. (LACAN, 1974-75, p. 21)

A sustentação da imagem corporal ancora-se, pois, na existência desse resto, resultado da operação simbólica da castração. É, portanto, a partir da relação dialética com o Outro, que a imagem do corpo pode ser produzida, lá onde, de início, só havia fragmentação pulsional.

Como resultado dessa operação, podemos ter a experiência de “ter” um corpo, daí a importância do simbólico (e não somente do imaginário), no sentido de se poder operar uma certa consistência que organize algo da ordem de uma unidade corporal.

Nesta perspectiva, o corpo como unidade narcísica é resultante de uma operação de perda de gozo (extração do objeto *a*), a partir da qual real, simbólico e imaginário podem enodar-se.

Segundo esta concepção, o corpo estrutura-se em torno de um vazio, de um ponto de carência a partir do qual os registros se articulam. Podemos, pois, dizer que o objeto *a* tem uma função estruturante na constituição do corpo.

Lacan retorna a esta necessidade de articulação entre os registros imaginário e simbólico para a existência do corpo em diversas passagens, como em *A Terceira* (1975a), no qual articula pensamento, corpo e representação, dizendo nisto consistir o pensamento: “palavras introduzem no corpo algumas representações imbecis” (LACAN, 1975a, p.179).

Seguindo a mesma linha de argumento, na *Conferência em Genebra sobre o sintoma* (1975b/1998, p. 9), Lacan trata da relação entre palavras, pensamento e corpo, dizendo que “é sempre com a ajuda de palavras que o homem pensa. E é no encontro dessas palavras com o corpo que alguma coisa se esboça”.

Destas passagens, podemos extrair que não podemos, em psicanálise, entender o corpo sem articulá-lo ao pensamento, na medida em que o corpo é produzido, necessariamente, na articulação com o simbólico, através das marcas produzidas a partir da relação com o Outro.

Trata-se de uma leitura bastante singular, que rompe com a idéia cotidiana de que o corpo é algo que se é, referido à intimidade do sujeito. É só a partir da ordem significante que é possível ao sujeito “ter” um corpo, e isso, como ressaltamos, se dá pela via de uma operação de extração que comporta uma perda de gozo. Temos, portanto, conforme assinala Rabinovich (2005), a questão do corpo inseparável à da representação, com a função precisa de anteparo, de barreira frente ao real.

Deste modo, a sustentação da não existência prévia do corpo e de sua não redução ao aporte biológico encontra, na teoria dos nós, um fundamento outro, na

medida em que é somente a partir de certa amarração entre Real, Simbólico e Imaginário que o corpo surge como efeito.

Ao discorrer sobre a estrutura do nó borromeano, Lacan (1974-75) põe em evidência a não hierarquia entre os registros, de modo que não podemos, seguindo seu ensino, afirmar a prevalência de um dos registros em detrimento dos outros dois. Não podemos tampouco assemelhá-los, na medida em que são absolutamente heterogêneos, irreduzíveis entre si, não são superponíveis.

Não há nada em comum entre eles, mas algo se produz a partir de certa articulação que implica a todos e a cada um, exatamente no que fazem nó. Neste ponto, Lacan aproxima a consistência e o nó.

Este ponto nos interessa, na medida em que, nos textos objetos de nossa leitura, temos o corpo caracterizado como consistência, como vel imaginário e simbólico que recobre o real, donde as referências de Lacan ao corpo como bolsa ou como saco.

Lacan (1974-75) ressalta em várias passagens esse caráter de consistência imaginária atribuído ao corpo, constituído a partir da relação do imaginário com os outros dois registros, e que nos permite a experiência de “ter” um corpo, experiência esta, como já ressaltamos, que nem todos possuem e que está sujeita a diversos abalos mesmo nas neuroses, que nos mostram diversas ordens de impasses com o corpo.

Percebemos como a consistência corporal tem relação com o significante, na medida em que, pela ação do significante, um corpo inicialmente despedaçado pode se organizar em torno de uma unidade narcísica, a partir da relação com o Outro.

Em *A Terceira* (1975a), temos a questão do corpo referida ao enodamento de RSI. Neste texto, são inúmeras as referências ao corpo, à imagem e à consistência. No

que diz respeito à relação do homem com sua imagem, Lacan acentua a importância da imagem na formação do corpo na medida em que ela antecipa uma forma.

Nesse sentido, ele diz que no humano existe uma “preferência pela imagem” (1975a, p. 185), que resulta do fato de que ela é uma matriz simbólica que antecipa a maturação corporal. Tal imagem é o que introduz o corpo da economia de gozo, daí seu alcance tamanho.

Esta preferência tão acentuada, diz ele (1975a), é o que deixa o homem verdadeiramente enfeudado a sua imagem e que goste tanto de olhá-la. Esta imagem cativante provoca fascínio, daí Lacan (1949/1998) a ela referir-se com o termo “júbilo”, a propósito da experiência do *infans* diante do espelho, que dá lugar à constituição do eu sob a forma de imagem narcísica.

Em *O Sinthoma* (1975-76/2005), a questão se coloca nos seguintes termos: “E esse corpo tem uma potência tal de cativação que, até certo ponto, os cegos deveriam ser invejados” (LACAN, 1975-76/2005, p. 19).

Em relação aos registros, o imaginário é referido como o que faz consistir, é o que fecha, faz círculo, faz corpo, ao passo que o real é definido como o que não faz todo, o que não se fecha.

Em *A Terceira* (1975a), o corpo comparece como consistência referido ao registro imaginário em sua articulação com os outros dois registros, uma vez extraído o objeto *a*. Localizamos, no centro da articulação entre os três registros, este objeto que não é assimilável em nenhum registro específico e que Lacan define como “o que se pega do cerramento do simbólico, do imaginário e do real como nó”.

Em relação ao corpo, essa localização do objeto *a* como exterioridade tem papel capital na separação do gozo em relação ao corpo, no que separa, segundo Lacan (1975a), o gozo do corpo do gozo fálico. Observamos, nesta figura topológica, como o gozo fálico, localizado entre simbólico e real, situa-se fora do corpo, sendo-lhe periférico, *ex-sistente*, contornando as zonas erógenas.

Não podemos, portanto, reduzir o corpo à imagem, na medida em que ele também comporta um real pulsional que está para além de seu caráter imaginário. No estudo do corpo, temos seu valor como imagem, mas também a questão do orifício, do furo, da borda, da zona erógena, de algo não especularizável, que não passa pelo registro da imagem, ou seja, de que há um real do corpo inacessível.

A consistência corporal pressupõe um fora, a *ex-sistência* de algo que a imagem corporal não comporta. Podemos dizer, a partir de *RSI* (1974-75), que a consistência só existe porque algo *ex-siste*. Ex-sistência e consistência, portanto, definem-se uma por relação à outra: “A ex-sistência como tal, define-se, suporta-se disso que em cada um dos termos R.S.I., faz buraco.” (LACAN, 1974-75, p. 12)

Situamos aqui os orifícios corporais em torno dos quais a pulsão circula. A consciência corporal vela este algo que, no corpo, está para além de sua unidade narcísica. A idéia de corpo como saco (LACAN, 1974-75) é paradigmática do quanto os orifícios corporais são de importância fundamental para a estruturação do corpo pulsional.

Lacan (1974-75) observa ainda que o corpo é o que *ex-siste* como real aos anéis do imaginário e do simbólico, ou seja, o corpo é o que está fora como real. Segundo Rabinovich (2005), o corpo em questão nesta passagem é o corpo como organismo vivo, que, a partir de fora, sustenta o corpo em suas dimensões imaginária e

significante. Trata-se, portanto, do corpo em sua face real, de um real do corpo que *existe*.

Ressaltamos, ainda, que regulação a partir da lógica fálica é sempre parcial, na medida em que temos também o gozo do Outro, localizado na articulação entre real e imaginário, sendo, portanto, exterior ao simbólico, não mediado pela lei do significante.

Pensamos que estas formulações sobre o corpo nos oferecem subsídios importantes na direção do tratamento nas diferentes estruturas. Nos textos que recortaram nossa leitura, o corpo sempre aparece como construção, articulado ao nó, o que só pode se dar a partir da mediação do Outro.

A teoria dos nós, no que se refere ao tema objeto de nosso trabalho, acentua o quanto o corpo em psicanálise não é um *a priori*, mas o resultante de uma operação de enodamento entre os registros, a partir de uma operação de perda, de extração.

BIBLIOGRAFIA:

LACAN, J. (1948). A agressividade em psicanálise In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1998.

_____ (1949). O estádio do espelho como formador da função do Eu In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1998.

_____ (1974-5). **Seminário – livro 22 - R.S.I.** (inédito), cópia reprográfica.

_____ (1975a) *La troisième* (7eme Congres de l'Ecole freudienne de Paris a Rome) In **Lettres de l'École freudienne**, n° 16, Paris, ECF, p. 177-203. Tradução livre.

_____ (1975b). Conferência em Genebra sobre o sintoma In: **Opção Lacaniana. Revista Brasileira Internacional de Psicanálise**. São Paulo, n.23, p.06-16, 1998.

_____ (1975-6). **Seminário – livro 23 - O Sinthoma**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

RABINOVICH, D. **A angústia e o desejo do Outro**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.

SOBRE OS AUTORES

Regina Cibele Serra dos Santos Jacinto. Psicóloga. Mestre em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e doutoranda do Programa de Pós-graduação em Psicanálise do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Ana Maria Medeiros da Costa. Profa. do PPG em Psicanálise da UERJ, coordenadora da Rede Inter-universitária de Pesquisa Escritas da Experiência, psicanalista, autora dos livros "A ficção do si mesmo. Interpretação e ato em psicanálise" (Ed. Cia. de Freud), "Corpo e escrita. Relações entre memória e transmissão da experiência" (Relume-Dumará), "Tatuagem e marcas corporais. Atualizações do sagrado" (Casa do Psicólogo), "Sonhos" (Jorge Zahar).